

FORMAS DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇA AUTISTA POR CONSEQUÊNCIA DA SÍNDROME DE WEST

METHODS OF LITERACY FOR AUTISTIC CHILD DUE TO WEST SYNDROME

FORMAS DE ALFABETIZACIÓN DEL NIÑO AUTISTA COMO CONSECUENCIA DEL SÍNDROME DE WEST

Ana Paula Felix Marques¹
Gisele do Rocio Cordeiro²

Resumo

Este estudo se insere no campo da alfabetização e concentra-se na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista decorrente da Síndrome de West, uma doença rara que acarreta várias consequências negativas para as crianças afetadas. O desafio central é identificar caminhos que permitam o desenvolvimento desses indivíduos, respeitando suas limitações, ritmo e dificuldades. O objetivo principal desta pesquisa é demonstrar, por meio de relatos e estudos de caso, que é viável alfabetizar crianças autistas afetadas pela Síndrome de West usando abordagens dinâmicas que facilitem o processo de aprendizagem e promovam sua autoestima. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em informações bibliográficas provenientes de artigos, teses e livros de autores e especialistas renomados. Devido à escassez de materiais informativos sobre as especificidades dessa condição e à falta de divulgação sobre as possibilidades de alfabetização desses alunos, muitos professores não se sentem incentivados a alfabetizar essas crianças, optando por atividades mecanizadas em sala de aula. No entanto, esta pesquisa demonstrará que é possível alfabetizar essas crianças com sucesso, desde que sejam empregados métodos e ferramentas de ensino adequados.

Palavras-chave: Síndrome de West. Autismo. Alfabetização. Estratégias Psicopedagógicas.

Abstract

This study focuses on literacy for children with Autism Spectrum Disorder resulting from West Syndrome. The central challenge is to identify pathways that allow the development of these individuals, respecting their limitations, pace, and difficulties. The main objective of this research is to demonstrate, through accounts and case studies, that it is feasible to teach autistic children affected by West Syndrome using dynamic approaches that facilitate the learning process and boost their self-esteem. The research adopts a qualitative approach, based on bibliographic information from articles, theses, and books by renowned authors and experts. In addition to exploring West Syndrome, a rare condition with several negative consequences for affected children, Autism Spectrum Disorder (ASD) stands out, which has a direct impact on children's learning. Due to the scarcity of informative materials on the specifics of this condition and the lack of information on the possibilities of teaching these students, many teachers do not feel encouraged to educate these children, opting for mechanized activities in the classroom. However, this research will demonstrate that it is possible to successfully teach these children, provided that appropriate teaching methods and tools are employed.

Keywords: West Syndrome. Autism. Literacy. Psychopedagogical Strategies.

Resumen

La presente investigación se ubica en el campo de la alfabetización y se enfoca en la alfabetización de individuos con TEA (Trastorno del Espectro Autista) como consecuencia del Síndrome de West, una enfermedad rara que genera muchas consecuencias negativas a los niños a los que afecta. El desafío central es señalar caminos posibles para el desarrollo de esos individuos, respetando sus limitaciones, su tiempo y sus dificultades. El objetivo principal de esta investigación es presentar, a través de informes y estudios de caso, la posibilidad de alfabetizar a un niño autista afectado por el Síndrome de West a través de enfoques dinámicos que faciliten el proceso de

¹ Bacharela em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: anapaulafroberto@hotmail.com.

² Professora no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: gisele.c@uninter.com.

aprendizaje y eleven su autoestima. La investigación adopta un enfoque cualitativo fundamentado en informaciones bibliográficas a partir de artículos, tesis y libros de reconocidos autores y académicos. Debido a la falta de materiales que orienten e informen sobre las particularidades de esa condición y a la poca información sobre las posibilidades de alfabetización de esos alumnos, muchos docentes no se animan a enseñarles a leer y escribir, por lo que utilizan tareas mecanizadas para llenar su tiempo en el aula. Sin embargo, en esta investigación veremos que es posible alfabetizar a esos niños de forma exitosa utilizando métodos y herramientas didácticas adecuadas.

Palabras clave: Síndrome de West; autismo; literatura; estrategias psicopedagógicas.

1 Introdução

Esta pesquisa circula em torno da construção de possibilidades de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em decorrência de Síndrome de West, procurando, por meio desta, apresentar formas de facilitar o trabalho do educador e divulgar as especificidades dos alunos com essa condição. A Síndrome de West é uma doença rara que afeta principalmente crianças do sexo masculino. Também é conhecida como epilepsia mioclônica e é caracterizada por crises epiléticas frequentes que geralmente se manifestam entre os dois e doze meses de idade. O autismo é uma das muitas sequelas que podem surgir como resultado dessa doença. Quanto mais demora em se tratar e controlar as crises, maiores são os danos cerebrais que podem ocorrer.

O problema que move o olhar a este objeto de pesquisa é a necessidade de alfabetizar estes alunos, que exigem do professor métodos e ferramentas de ensino especializadas. Ao longo dos últimos anos, foram observados juntamente aos educadores a falta de materiais que orientem e informem sobre as particularidades desta doença, e poucas informações são divulgadas sobre as possibilidades de alfabetização destes alunos.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar através de relatos e estudos de casos que é possível alfabetizar um aluno que foi acometido pela Síndrome de West, bem como apresentar de forma simples as principais características da doença. Os objetivos específicos consistem em apresentar dinâmicas que auxiliem na alfabetização de tais crianças e elevar a autoestima delas, visto que crianças com este tipo de dificuldade são propensas a sofrerem de baixa autoestima.

Em relação à metodologia adotada para este trabalho, pode-se classificá-la como qualitativa quanto aos seus resultados e teórica quanto à técnica de coleta de informações, que se baseia em revisão bibliográfica. Foi através de leitura de livros e artigos publicados por renomados autores, entre eles: Jean Piaget (1896-1980) e Lev S. Vygotsky (1896-1934) sobre o assunto em questão que se pôde obter uma conclusão de como solucionar tal problema.

O trabalho está organizado em tópicos. Após apresentarmos a metodologia aplicada, abordaremos a importância da alfabetização tanto para crianças típicas quanto para aquelas com deficiência intelectual. Em um segundo momento, forneceremos uma breve explicação sobre a Síndrome de West e o Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como as teorias e concepções de diversos autores e pesquisadores sobre o assunto. A seguir, detalharemos os métodos que podem auxiliar no processo de alfabetização de indivíduos autistas afetados pela Síndrome de West.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, onde se compreenderá que cada criança tem sua forma de aprender, inclusive as que apresentam alguma deficiência intelectual. Basta utilizar-se dos métodos e ferramentas específicas para essa prática. Assim, o objetivo desta pesquisa é apontar possíveis abordagens para o desenvolvimento dessas crianças dentro de suas limitações, respeitando seu ritmo e dificuldades, ao mesmo tempo em que valoriza suas habilidades.

2 Metodologia

A metodologia empregada neste trabalho é de natureza exploratória, caracterizando-se como uma abordagem qualitativa. O presente estudo foi conduzido por meio de pesquisa bibliográfica, que envolveu a consulta a livros, periódicos, artigos e sites da internet relacionados à temática abordada. Dentre os diversos autores mencionados neste trabalho, destaca-se a ênfase nas teorias e concepções de Jean Piaget e Lev S. Vygotsky.

3 Alfabetização de crianças autistas em decorrência de “Síndrome De West”

3.1 A Importância da Alfabetização na vida do ser humano

A alfabetização é um direito humano garantido pela Constituição:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

Por meio da alfabetização, importante na vida do ser humano, o indivíduo sentir-se-á mais cidadão, podendo concatenar suas ideias e transmiti-las por meio da escrita. É importante ressaltar que a alfabetização está totalmente ligada ao desenvolvimento cognitivo. Assim, a alfabetização promove ao ser humano:

- A leitura e a escrita.
- Conhecimentos (gráficos e assimilação do que está escrito).
- Melhora da Comunicação (torna a pessoa crítica).
- Transmissão de Pensamentos.
- Construção de saberes.

A alfabetização de crianças não é uma tarefa fácil para os educadores, uma vez que não existe um método específico para alfabetizar, cada criança tem sua forma de aprender e cabe ao educador escolher a melhor forma para aplicá-la. Deste modo, é importante que:

Os educadores ao alfabetizar e letrar selecionem vários materiais e respeitem o ritmo de cada criança, onde deve deixá-los à vontade para que possam descobrir o valor que cada letra tem diante de uma palavra, assim eles vão aprender a desenvolver e estimular suas habilidades, sua curiosidade e pensamentos (Oliveira; Silva, 2019, p. 195).

A realidade da educação brasileira torna um tanto mais difícil a execução de tal trabalho, considerando o alto número de alunos distribuídos para cada educador, a falta de ferramentas e a falta de suporte na educação continuada deles.

3.2 Alfabetização para crianças com deficiência intelectual

Da mesma maneira em que a alfabetização é importante para crianças típicas, esta também é de extrema importância para o desenvolvimento educacional e psicológico de crianças com deficiência intelectual.

O termo deficiência intelectual passou a ser usado a partir da Declaração de Montreal sobre Deficiência Mental, aprovada em 06/10/2004 pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2004), em lugar de deficiência mental (Boraschi, 2013, p. 614).

No entanto, são muitas as dificuldades apresentadas por uma criança com deficiência intelectual no período de alfabetização, como, por exemplo: falta de coordenação motora; dificuldades na compreensão e na linguagem; falta de organização; entre outros.

Deste modo, a alfabetização de crianças com deficiência intelectual é um desafio para os professores, pois estes, desprovidos de métodos e ferramentas especializadas, acabam na busca de sanarem este problema, fazendo o uso de tarefas diferenciadas e mecanizadas que não agregam desenvolvimento e tem como finalidade somente preencher o tempo em sala de aula.

O uso destas atividades move o pensamento de que tais educadores não dão crédito à capacidade de aprender do deficiente intelectual, e isto poderá acarretar prejuízos na

aprendizagem e no desenvolvimento. No decorrer deste trabalho, veremos que, utilizando a maneira adequada, esse paradigma pode ser solucionado.

3.3 Explicando a Síndrome de West e o Autismo

Neste tópico, será apresentada uma breve explicação sobre Síndrome de West e Transtorno do Espectro Autista (TEA). Como se trata de uma pesquisa bibliográfica, serão apontados relatos e resultados de estudos realizados por autores e estudiosos sobre o assunto em questão.

A Síndrome de West, que também é conhecida como epilepsia mioclônica, é uma doença rara que afeta principalmente crianças do sexo masculino — estudos apontam que a síndrome ocorre na frequência de 1 para 4.000-6.000 nascidos vivos, e apresenta ser mais predominante em crianças do sexo masculino — e é caracterizada por crises epiléticas frequentes que são manifestadas entre os dois e doze meses de vida.

Síndrome bastante peculiar, a Síndrome de West é praticamente quase desconhecida pelos profissionais da área da educação e foi descrita pela primeira vez no ano de 1841 pelo médico inglês William James West, que observou as crises em seu próprio filho:

A criança está agora perto de um ano de idade. Era uma criança notavelmente boa e saudável quando nasceu, e continuou a se desenvolver até que ele tivesse quatro meses de idade. Foi neste momento que eu observei pela primeira vez ligeiros abalos da cabeça para frente, que eu então considerava uma travessura, mas eram, de fato, as primeiras indicações da doença (West, 1841 *apud* Falcão, 2017, p. 17).

A Síndrome de West caracteriza-se pela tríade de espasmos infantis: contrações musculares que podem ser em flexão, extensão ou mista; atraso no desenvolvimento neuropsicomotor e eletroencefalograma (EEG) com padrão de hipsarritmia. O eletroencefalograma (EEG) é um exame de extrema importância para o diagnóstico dos espasmos infantis e os dados apontados pelo exame serão de grande valia para o tratamento e para o prognóstico.

O prognóstico geralmente é desfavorável, pois a síndrome traz consequências como estagnação ou regressão do desenvolvimento neuropsicomotor e déficit no desenvolvimento cognitivo mesmo após as crises serem controladas. Estudos também afirmam que 90% dos casos tendem a ter sequelas do tipo déficit motor, transtornos de conduta e traços de TEA. Diante deste cenário, o diagnóstico deve ser feito o mais precocemente possível, pois, quanto mais precoce o controle dos espasmos, maior a chance de se preservar o cognitivo normal.

O tratamento baseia-se principalmente na utilização precoce e agressiva de anticonvulsivantes, com o objetivo de controlar os espasmos. Também é importante o tratamento fisioterápico, pois, ele tem a finalidade de tratar ou diminuir as sequelas. Outros recursos aconselhados também são a hidroterapia (auxilia na espasticidade causada pela síndrome) e a equoterapia (auxilia no desenvolvimento corporal, espacial e temporal e na aquisição de equilíbrio e adaptação ao meio).

Além disso, é imprescindível a participação de uma equipe multidisciplinar para dar o devido suporte ao paciente com Síndrome de West, bem como aos seus familiares. O autismo é considerado um transtorno invasivo do desenvolvimento e foi descrito inicialmente por Leo Kanner (1943) como Síndrome Comportamental. Tal transtorno, ao longo das pesquisas, foi confundido com esquizofrenia e psicose infantil.

O termo Autismo vem do grego “*autós*” que significa “de si mesmo”. No ano de 1980, o autismo recebeu a denominação de Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID), com o passar dos anos, os estudos referentes ao autismo continuaram crescendo, bem como o número de sintomas deste transtorno. Então, no ano de 2014, tal transtorno passou a ser denominado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (APA, 2014). O termo “espectro” significa que existem vários níveis de suporte. O autismo é caracterizado principalmente por três sintomas denominados como tripé dos sintomas autísticos, tais sintomas são: falha na interação social recíproca; comunicação verbal e não verbal comprometida (mutismo ou ecolalia) e comportamentos repetitivos e estereotipados.

Além destas principais características, existem muitas outras como: falta de interesse por brinquedos ou brincadeiras; dificuldade em entender gestos, expressões faciais e metáforas; entre outras, porém, segundo Ferreira (2009, p. 15): “Nem todos são iguais e nem todos têm as mesmas características. Uns são mais atentos, uns mais intelectuais e outros mais sociáveis, e assim por diante”. Este transtorno costuma ser mais presente em meninos, mas, quando presente em meninas, sua manifestação torna-se mais intensa (70% a 80% de comprometimento intelectual).

Sobre o que provoca o autismo, ainda não se têm causas totalmente conhecidas, mas existem evidências que pode ser uma predisposição genética. O que se pode afirmar é que, embora o autismo seja ainda desconhecido pela população brasileira, este está muito presente no meio da sociedade. Segundo Mercadante; Rosário (2009, p. 36): “O autismo é um transtorno cerebral presente desde a infância em qualquer grupo socioeconômico e étnico-social”.

Normalmente, o autismo é percebido inicialmente pelos pais, que notam na criança ainda bebê a falta de contato visual e falta de interesse por objetos e brincadeiras referentes à sua idade. Estas atitudes da criança começam a ser notadas a partir do 17º mês de vida, porém, na maioria dos casos, o diagnóstico ocorre por volta dos três ou quatro anos de idade.

Quanto mais cedo a criança for diagnosticada e tratada, maiores serão as chances de seu desenvolvimento acontecer da melhor forma possível. No Brasil, pela Lei Berenice Piana (nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012), foi instituída uma política nacional na qual as pessoas com TEA podem ser consideradas pessoas com deficiência para todos os efeitos legais. Essa mesma lei, em seu Art. 2º, inciso III, menciona a necessidade do diagnóstico precoce, do atendimento multiprofissional e do acesso a medicamentos e nutrientes.

Dentre os muitos tratamentos destinados ao espectro autista, destacam-se: a **Psicoterapia** (auxilia na interpretação da linguagem corporal, na comunicação não verbal, na aprendizagem e nas interações sociais e emocionais) e a **Musicoterapia** (tem como objetivo ressaltar as potencialidades e capacidades cognitivas com auxílio da música). Segundo estudos, foi comprovado que os pais (principalmente as mães) de crianças com TEA tendem a sofrer de transtornos emocionais como estresse e ansiedade, por isso, estes também precisam de apoio psicológico durante as fases de desenvolvimento da criança com TEA.

3.4 Teorias e Concepções de Jean Piaget e Lev Vygotsky

Os estudos de Jean Piaget e Lev Vygotsky contribuíram para o entendimento e análise das fases do desenvolvimento humano. A seguir, serão abordadas de maneira bem sucinta as teorias e concepções destes dois grandes estudiosos. Piaget (1986-1980) especializou-se em psicologia evolutiva e na observação sistemática do processo de aquisição do conhecimento pela criança. Jean Piaget estabeleceu quatro estágios que proferem o desenvolvimento infantil: sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operações formais.

O suíço acreditava que a infância desempenha um papel vital e ativo para o crescimento da inteligência e a criança aprende fazendo e explorando ativamente. Piaget acreditava também que o processo de aprendizagem está relacionado ao meio em que o indivíduo está inserido, e que o aprendizado possui ligação entre adaptação, acomodação e assimilação. No processo de acomodação, a estrutura mental se reorganiza para incorporar novos aspectos do ambiente.

Piaget importava-se com a aprendizagem através de jogos (método lúdico). Ele associava o jogo à vida mental da criança, no qual, através da experiência lúdica, a criança possa alcançar o crescimento intelectual, e denominou este processo de aquisição de conhecimento como “assimilação”. Desta forma, no jogo, a assimilação se sobrepõe à acomodação, ou seja, através do jogo, a criança compreende as regras (acomodação) impostas pelos professores educadores e conseguem atingir o próximo estágio, que é adquirir conhecimento (assimilação) através do lúdico. Piaget também destaca a necessidade da interação social para o desenvolvimento intelectual. Para que haja desenvolvimento físico e cognitivo, a criança precisa estar inclusa em atividades grupais, logo, esta interação social e o contato com instrumentos físicos e/ou simbólicos contribuem para o desenvolvimento das estruturas psicológicas.

Em se tratando de crianças com TEA, Piaget afirma que estas alcançam as habilidades de conceituação de objetos no quinto estágio do desenvolvimento: o estágio sensório-motor, ou seja, período no qual a criança consegue se comunicar através de ações e de sua percepção quanto ao ambiente em que está inserida. Piaget afirma também que crianças com TEA são completamente capazes de aprender com seus colegas, e que crianças autistas de baixo funcionamento observam o que as outras crianças estão fazendo e, desta forma, elas obtêm novas informações e conhecimentos sobre o mundo.

Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934) foi um psicólogo cuja obra convergiu para o tema da criação da cultura. Ele morreu precocemente (com apenas 38 anos), vítima de uma tuberculose em 11 de junho de 1934. Vygotsky entende que o homem se constitui na interação com o meio em que está inserido (Resende, 2009). Diante deste pensamento, sua teoria foi denominada como socioconstrutivista ou sociointeracionista. Na concepção de Vygotsky, o lúdico tem grande influência no desenvolvimento infantil e ele afirma que:

É através do jogo que a criança aprende a agir, sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, pensamento, interação e da concentração (Vygotsky, 1984, p. 39).

Através dos jogos e brincadeiras, as crianças adquirem conhecimentos que influenciarão em seu crescimento cognitivo. Em relação à aprendizagem de crianças com deficiência intelectual, Vygotsky (1984) afirma que, para ele, as crianças com deficiência intelectual e as crianças típicas deveriam ter a educação de forma integrada, pois, desta forma, estaria contribuindo para o desenvolvimento das crianças com deficiência intelectual através da compensação e de correção de erros.

Vygotsky era contra a “pedagogia diretiva e autoritária”. Para ele, o desenvolvimento da criança tem maior preocupação com o meio cultural e as relações entre os indivíduos (Resende, 2009). Defensor das estratégias pedagógicas utilizadas para a aprendizagem de deficiência intelectual, Vygotsky (1984) classificou como secundárias as consequências da deficiência no desenvolvimento da fala e do pensamento, podendo estas serem superadas por uma pedagogia compensatória.

É importante ressaltar que o educador alfabetize letrando, ou seja, ensinando a ler e a escrever no contexto das práticas sociais (Resende, 2009). Lev Vygotsky também concluiu que não são somente as dificuldades intelectuais as responsáveis pelo rebaixamento cognitivo. Ele aponta que a desmotivação tem grande relação com a defasagem, e que crianças com este tipo de dificuldade são mais propensas a sofrerem com baixa autoestima, e precisam de estimulação afetiva.

Vygotsky afirma que o ambiente de ensino deve ser estimulador e favorável, e de acordo com o estudioso, o professor tem um papel importantíssimo no desenvolvimento e aprendizado destas crianças. O meio tem grande influência no aprendizado, e o educador será a ponte que intermediará o educando e o conhecimento. Assim, o ideal é que o educador seja paciente e afetuoso. Assim, a aprendizagem terá um resultado significativo e satisfatório, completando o ciclo de desenvolvimento da criança (Resende, 2009).

3.5 Métodos Utilizados na Alfabetização para Crianças com Deficiência Intelectual

Normalmente, o processo de alfabetização é percorrido por várias etapas até que se alcance o objetivo desejado, ou seja, até obter-se o uso da leitura e da escrita em práticas sociais em todos os espaços além da escola. Levando em consideração a vida social do sujeito aprendente, muito mais importante que decodificar as palavras é ler e interpretá-las no meio social.

Quando a alfabetização está sendo trabalhada com crianças típicas, as dificuldades apresentadas por elas são dificuldades cotidianas e que fazem parte do percurso, logo, o educador não terá dificuldades em auxiliar seu aluno perante estes contratemplos. No entanto, quando se trata de crianças com deficiências intelectuais originadas por transtornos do tipo TEA, nem sempre estas etapas da alfabetização poderão ser executadas. Cada criança tem seu tempo e sua forma de aprender. No caso de crianças com deficiência intelectual, o tempo e a forma de aprender dependem totalmente do desenvolvimento cognitivo da criança.

Determinadas etapas são repetidas por diversas vezes até que o educador/alfabetizador consiga definir qual é a forma em que o sujeito em questão aprende. Este é o segredo: entender como a criança com deficiência intelectual aprende. A seguir, tendo como base bibliográfica publicações e relatos de estudiosos e renomados autores, serão abordados os métodos de alfabetização para crianças e adolescentes com TEA em decorrência da Síndrome de West.

3.5.1 Método Lúdico

As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em decorrência da Síndrome de West necessitam de estímulos para que o seu comportamento pessoal-social, cognitivo e adaptativo sejam favoráveis. Deste modo, utilizar o método lúdico como facilitador da aprendizagem torna-se primordial. No caso da alfabetização, os jogos e as brincadeiras ajudarão na linguagem, vocalização, audição, percepção visual e raciocínio lógico.

É importante ressaltar que existe uma diferença entre brinquedo e jogo. O brinquedo estimula a representação da realidade e reproduz um mundo subjetivo, este também exerce grande influência no desenvolvimento infantil, pois, através da brincadeira, a criança descobre o mundo de forma prazerosa, ao passo que o jogo exige desempenho de habilidades específicas determinadas por regras e pelo educador/alfabetizador.

No que tange às brincadeiras, Vygotsky (1984, p. 82) relata que:

A criança passa a criar uma situação ilusória e imaginária, como forma de satisfazer seus desejos não realizáveis. Esta é aliás, a característica que define o brinquedo de um modo geral. A criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo mais amplo dos adultos e não apenas ao universo dos objetos a que ela tem acesso.

Assim, tanto as brincadeiras quanto os jogos são de extrema importância nos processos de desenvolvimento e alfabetização.

3.5.2 Método Fônico

Embora o método fônico seja considerado arcaico por muitos estudiosos da área da educação, este método é de grande valia no processo de alfabetização de crianças com deficiência intelectual, ainda mais quando se trata de crianças com autismo por decorrência de Síndrome de West.

O método fônico busca codificar e decodificar as palavras através de regras de correspondência entre as letras e seus respectivos fonemas. Foi cientificamente comprovado que o método fônico auxilia no desenvolvimento da leitura de crianças com deficiência intelectual.

Crianças portadoras de TEA apresentam como sequela a dificuldade na fala e há evidências de que os prejuízos relacionados à dificuldade na leitura estão relacionados com a oralidade deficiente destas crianças. Como a maioria das crianças no espectro autista aprendem através da observação e repetição, ao analisarem o educador pronunciando uma palavra, serão trabalhadas a leitura e a pronúncia de palavras, ou seja:

A interação com diferentes contextos comunicativos possibilita a aquisição da linguagem oral e se repercute na produção da linguagem escrita. A troca interativa com pessoas mais experientes é de suma importância, pois permite que a criança observe como as palavras são articuladas, como é feita a classificação das coisas, pessoas, objetos e animais e isso contribui para seu entendimento do que ouve ou vê (Vygotsky, 1984, p. 135).

O método fônico possui uma relação direta com o método lúdico, uma vez que através de músicas, contação de histórias, poemas e figuras, pode-se treinar na criança rimas, o reconhecimento dos sons de uma sílaba ou palavra sem o apoio visual.

No relato da experiência apresentado por Carvalho *et al.* (2017), foi comprovado que é possível o desenvolvimento e o aprendizado de uma criança com síndrome de West por meio de contação de histórias. Os resultados obtidos com a contação de histórias foram bastante satisfatórios, desmitificando o pensamento de que uma criança com Síndrome de West não aprende e não interage.

Em casos de erro na pronúncia ou na leitura de palavras, é importante que o educador corrija a criança imediatamente, repetindo com a criança a palavra e pronunciando sempre o som das letras da palavra.

O uso da tecnologia também é muito útil neste caso, através de tablets e computadores (aparelhos que fazem parte do cotidiano infantil), a visualização de vídeos de alfabetização. Nestes vídeos, há uma interação do personagem com a criança, que deverá reproduzir o som de cada letra ou palavra pronunciada na atividade. Deste modo, após serem trabalhados os sons, a criança estará preparada para aprender os grafemas.

3.5.3 Método de Memorização

Sobre a comunicação da criança com TEA, é sabido que esta apresenta determinadas dificuldades para se expressar e se comunicar. Tais dificuldades resultam em sofrimento para a criança no espectro autista, bem como para seus pais e cuidadores. Com o intuito de auxiliar e facilitar este problema, foi criado um sistema de comunicação denominado como Picture Exchange Communication System (PECs), uma forma de comunicação alternativa, que consiste na comunicação através de trocas de figuras. O PECs foi desenvolvido nos EUA em 1985 por Andy Body e Lori Froste, e foi aplicado pela primeira vez em alunos do pré-escolar diagnosticados com TEA no Programa Autismo de Delaware.

O sistema PECs foi baseado em relatos do livro Comportamento Verbal de B. F. Skinner. Neste livro, o autor relata a fórmula teórica de como as variáveis mais relevantes para a seleção por consequências em que as atividades operam no mundo social através da linguagem. Por meio do uso de figuras, as crianças com TEA podem fazer seus pedidos indicando o que desejam (por exemplo: que estão com sede ou fome, que querem ir ao banheiro) bem como aprender as atividades de vida diária e responder a perguntas do tipo “o que você quer?”. Assim, o PECs se resume em 6 fases:

- **Comunicando:** o adulto entrega à criança uma única figura de algo que esta gosta de fazer ou comer, então, a criança é estimulada a entregar esta ficha quando precisar do que está ilustrado na ficha.
- **Persistindo e distanciando:** nesta fase, a criança é estimulada a usar a mesma figura com outras pessoas e em outros ambientes. O intuito é generalizar esta forma de comunicação.
- **Diferenciando as imagens:** a partir desta fase, o adulto deve apresentar duas ou mais figuras à criança, impulsionando-a a fazer uma escolha, deste modo, serão trabalhadas as preferências da criança.
- **Estruturando as sentenças:** as figuras devem ficar armazenadas em uma pasta personalizada e, a partir desta fase, a criança começará a fazer suas escolhas através da composição de frases, ou seja, utilizando uma frase pronta acompanhada da gravura do que se deseja.
- **Gerando atributos e expandindo a linguagem:** nesta fase, a criança começa a se familiarizar com a linguagem, enriquecendo seu vocabulário com adjetivos, verbos e preposições.
- **Comentando:** esta é a etapa final; nesta fase, a criança é estimulada ao diálogo, ela já será capaz de comentar seus desejos e escolhas.

Deste modo, é possível afirmar que uma criança espectro autista é capaz de aprender através da observação de gravuras e baseando-se neste sistema de comunicação alternativa, é que se torna possível alfabetizar crianças com TEA em decorrência de Síndrome de West através do método de memorização utilizando a criação de um Banco de Palavras.

O método de memorização através do Banco de Palavras consiste em apresentar para a criança a imagem escrita das palavras contidas em um determinado texto e fazer a leitura repetida das palavras. A criança memoriza as palavras, o que irá facilitar a leitura. Este método torna-se eficaz no trabalho de alfabetização de crianças autistas, pelo fato de elas terem uma habilidade de memorização muito elevada.

Embora os autistas não demonstrem interesse durante as atividades terapêuticas e pedagógicas se distraíndo com suas falas desconexas, estereotípias, ecolalias e outros comportamentos típicos do transtorno, eles acabam surpreendendo seus cuidadores e educadores quando realizam alguma tarefa que ao primeiro instante parecia não ser compreendida por eles. Isso porque, em meio a este turbilhão de estereotípias e trejeitos, confirma-se a capacidade intelectual e a boa memória destes indivíduos e de acordo com Medeiros (2011, p. 14): “As habilidades intelectuais dos Autistas podem estar estreitamente relacionadas com o uso de uma espécie de memorização automática”.

Pode-se observar que cada método possui sua especificidade e, para que se obtenha um resultado satisfatório, é necessário que o educador desenvolva estes métodos de maneira rigorosa, pois, o trabalho com crianças com TEA exige disciplina, visto que essas crianças precisam de estímulos diários para se desenvolver. Para que se tenham bons resultados, é necessário que o educador supere os impedimentos encontrados durante o percurso da alfabetização especial.

4 Considerações Finais

A alfabetização é um direito garantido por lei a todo o ser humano de acordo com a Constituição Federal. Este direito também é válido para crianças e adultos com deficiência intelectual. O intuito deste trabalho foi apresentar que, mesmo apesar das dificuldades, a alfabetização torna-se possível para todos os públicos. É por meio da alfabetização que um mundo de oportunidades e descobertas será revelado para a criança, ou seja, a alfabetização tem uma ligação direta com o desenvolvimento.

Para ensinar, é essencial, em primeiro lugar, compreender como a criança aprende e, em seguida, adaptar o método de acordo com as necessidades específicas dela. É

fundamental que o educador e o aluno estejam em sintonia para alcançar resultados positivos. Infelizmente, muitas vezes, esse 'entendimento' falta para muitos professores, especialmente quando se trata de alunos com dificuldades de aprendizado relacionadas a síndromes e transtornos invasivos do desenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

No que diz respeito à alfabetização de crianças com TEA devido à Síndrome de West, o desafio de ensiná-las é significativo, mas a satisfação de obter bons resultados é ainda maior. Trabalhar com crianças com deficiência intelectual se torna gratificante quando compreendemos a natureza dessa deficiência; é essencial que nos aprofundemos no assunto.

Podemos afirmar que as crianças afetadas por essa síndrome não se desenvolvem fisicamente e cognitivamente da mesma maneira, uma vez que cada criança é única em seu processo de desenvolvimento. Portanto, não existe uma fórmula única para alfabetizar essas crianças. É necessário empregar observação e desenvolver estratégias psicopedagógicas que se adaptem à compreensão e ao aprendizado de cada criança.

Neste trabalho, foram apresentados três métodos de alfabetização que podem auxiliar no aprendizado dessas crianças: o Método Lúdico, o Método Fônico e o Método de Memorização. Esses métodos, baseados em fontes bibliográficas e relatos de renomados estudiosos, demonstraram ser eficazes no processo de alfabetização de crianças e adolescentes com TEA devido à Síndrome de West.

Crianças com necessidades especiais requerem uma educação especial e respeitosa. A inclusão, bem como a alfabetização, é um direito de todos. Não se deve subestimar uma criança devido às dificuldades que ela enfrenta; é essencial incentivá-la. Ao combinar a metodologia adequada com incentivo, os resultados serão satisfatórios para ambas as partes, ou seja, o psicopedagogo e o paciente. O desejo do paciente é demonstrar sua capacidade de aprender, enquanto o desejo do psicopedagogo é superar as barreiras das dificuldades de aprendizado.

Referências

BORASCHI, M. B. Alfabetização e Letramento em Crianças com Deficiência Intelectual. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, Nº extra 2 (Edição Especial), p. 612-623, 2013.

BRASIL. **Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil/_03/_ato2011-2014/2012/lei/12764.htm. Acesso em: 27 set. 2023.

FALCÃO, N. M. F. **Síndrome de West**: Evolução Clínica e Eletroencefalográfica. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2017.

FERREIRA, J. C. P. **Estudo exploratório da qualidade de vida dos cuidadores de pessoas com perturbação do espectro do autismo**. 2009. Dissertação (Monografia em Educação Física) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

MEDEIROS, R. Criança Encapsulada. **Revista Psique Ciência e Vida**, Ano VI, Ed. 74. São Paulo: Escala, 2011.

OLIVEIRA, N. F. de B.; SILVA, D. da. **A Importância da Alfabetização e do Letramento**. Fac. Sant'Ana em Revista, Ponta Grossa, v.2, p. 190-203, 2º sem. 2019. Disponível em: <https://www.lessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index>. Acesso em: 5 out. 2023.

RESENDE, M. L. M. **Vygotsky**: um olhar sociointeracionista do desenvolvimento da língua escrita. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1195>. Publicado em 25/11/2009.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.